



Na Mídia

24/02/2021 | [Valor Investe](#)

Fintech propõe uma 'bolsa de startups' para negociação no mercado secundário

A proposta da SMU foi enviada para a CVM como parte do processo de admissão de participantes para o sandbox regulatório, que é um ambiente de testes dos projetos aprovados com condições especiais e limitadas

Weruska Goeking

A fintech SMU, em parceria com o escritório de advocacia Demarest, propôs à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) a criação de um mercado secundário de ativos de startups, contemplando áreas como "crowdfunding" (as vaquinhas virtuais), bolsas de investimentos, investidores anjos, associações de investimento, dentre outras.

A proposta de uma bolsa de startups tem o objetivo de fornecer um sistema de negociação organizado em um ambiente apropriado e que ofereça proteção aos investidores e ao mercado em geral. Com a criação desse sistema, a ideia é resolver o problema de liquidez desse mercado e, com isso, aumentar a atratividade para o investimento em startups.

"A falta de liquidez é uma das dores desse mercado. O investidor brasileiro gosta de investir em startups, ele assume o risco, mas fica desconfortável com a falta de liquidez. Para ganhar dinheiro com esses ativos, hoje ele precisa ter um evento de liquidez, como uma incorporação da empresa", afirma Rodrigo Carneiro, presidente da SMU e da Crowdinvest (Associação Brasileira de Crowdfunding de Investimento).

Atualmente, as plataformas que oferecem as ofertas públicas de investimentos em startups são proibidas de intermediar o mercado secundário, explica Carneiro. Do outro lado, com um mercado secundário com liquidez, as startups devem ter seu caminho facilitado para a captação de investimentos.

"O dinheiro que esse empreendedor necessita não é obvio nem evidente. Por isso existe a necessidade de criar algo específico para os empreendedores mais novos", afirma Thiago Giantomassi, sócio de mercado de capitais e fusões e aquisições do Demarest.

Para Giantomassi, a vantagem de participar do "sandbox", se aprovados, é ter a flexibilidade para adaptação de todos os processos em um ambiente experimental. Assim, quando eventualmente a bolsa de startups "for para a rua", todo o sistema já foi testado.

O sandbox é um ambiente de testes de projetos aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com condições especiais e limitadas. Em outras palavras, é uma espécie de laboratório onde se testa o que dá ou não certo naquele ativo ou ambiente de negociação, antes de bater o martelo, oficializando a criação e funcionamento do mesmo.

Na avaliação de Fabio Braga, sócio de banking e corporate finance do Demarest, sem a possibilidade do sandbox seria muito mais difícil enfrentar a regulação atual e buscar a aprovação de uma bolsa de startups. Mas isso não significa um relaxamento das regras.

"Para fazer a apresentação dessa proposta específica precisamos cercar todo o projeto de segurança jurídica para convencer o regulador de que o que está sendo proposto é seguro e permitir que entendam a importância do projeto", diz Braga.

A proposta da SMU foi enviada para a CVM como parte do processo de admissão de participantes para o sandbox regulatório. Durante 12 meses, esses projetos receberão autorizações temporárias para desenvolver inovações em atividades regulamentadas no mercado de capitais. Todo o desenvolvimento será monitorado e orientado pela CVM, em busca de proteger os investidores e manter o bom funcionamento do mercado de capitais.

A CVM recebeu 32 propostas de seis estados e de uma jurisdição estrangeira. A SMU "briga" por uma das sete vagas disponíveis do sandbox. As propostas estão sob análise da CVM até 30 de abril e a data estimada para início dos projetos aprovados é 3 de maio.

Segundo Carneiro, da SMU, sua equipe vem estudando há dois anos para a criação do projeto e buscaram inspiração em duas plataformas estrangeiras - Seedrs e Funderbeam - que oferecem serviços semelhantes para criar a versão brasileira.

Regulação para crescer

As startups já conseguiram R\$ 210,3 milhões em 268 rodadas de captação em plataformas voltadas para esse mercado de janeiro de 2018 a 12 de janeiro de 2021, seguindo as regras da Instrução Normativa da CVM 588, que regula essas negociações.

Mas nem sempre esse mercado nadou de braçada. Antes da publicação da Instrução CVM 588, lá em 2014, foram realizadas 60 rodadas com captação total de R\$ 25,1 milhões. Apenas em 2020 foram mais de R\$ 84 milhões captados em 123 rodadas.

Assim, o time da SMU e da Demarest acreditam que uma regulação e uma plataforma para negociação secundária desses ativos devem ajudar esse mercado a crescer ainda mais.

Embora a maior parte das captações das startups em 2020 tenha sido para o setor imobiliário, com 24% do total, esse mercado movimentou setores diversos.

Captações via crowdfunding em 2020 por setor

Setor	% do total
Imobiliário	24%
Fintech	8%
Varejo	7%
Mobilidade	6%
AgriTech	5%
Energia	5%
Alimentação	3%
Industrial	3%
BeautyTech	2%
Edtech	2%

Entretenimento	2%
Franquias	2%
Saúde	2%
Agronegócio	2%
Educação	2%
Gestão	2%
Pet	2%
Outros	21%
Total	100%

De acordo com o documento enviado pela SMU à CVM, a perspectiva é de que o mercado de crowdfunding (espécie de "vaquinha virtual" em que os investidores podem fazer um aporte em troca de participação em empresas ou projetos) deve acelerar fortemente o seu ritmo de crescimento, de forma a duplicar ou mesmo triplicar de tamanho a cada ano, pelos próximos cinco anos.

Projeções da SMU enviadas à CVM mostram que o mercado secundário de crowdfunding tem o potencial de destravar mais de R\$ 70 milhões por mês na economia brasileira.

